

## AGRONEGÓCIO, UM DESAFIO AMAZÔNICO

Amílcar Baiardi<sup>1</sup>

O conceito de agronegócio no Brasil está impregnado de subjetividades e associado com a grande empresa capitalista que promove o desmatamento, utiliza irresponsavelmente os defensivos agrícolas e concentra terra e renda. Nada mais equivocado do ponto de vista conceitual, embora um estabelecimento agrícola com estas características deva fazer parte do agronegócio. Esta categoria de organização produtiva, entretanto, é muito mais ampla e inclui empresas que se situam ao longo da cadeia produtiva envolvendo matérias primas vegetais e animais, tanto à montante da mesma como produtora de fatores de produção como tratores, insumos e implementos agrícolas, sementes, mudas etc., como à jusante nas etapas de pós-colheita, transporte, armazenamento e processamento. Como se pode ver é uma cadeia muito ampla e que muitas vezes se completa em outros países. Assim, em benefício de uma conceituação objetiva, poder-se-ia dizer que como agronegócio se entende todas as atividades de produção e de prestação de serviços relacionadas à produção de vegetais e animais, a qual pode ocorrer distante, ou não, dos centros urbanos.

Partindo desta conceituação é possível admitir que o agronegócio poderá se implantar em vários ecossistemas e territórios, desde que haja disponibilidade de recursos naturais, infraestrutura, etc. Do mesmo modo o agente econômico do agronegócio tanto pode ser a empresa capitalista como pode ser a cooperativa, a associação, o consórcio e também o estabelecimento agrícola familiar. Havendo produção para o mercado e constituindo-se o empreendimento produtivo na agricultura (que inclui produção animal) algo além de uma atividade de subsistência, poderá o mesmo vir a ser denominado de agronegócio.

O agronegócio por ter a particularidade de envolver a vida vegetal e animal no processo produtivo, adquire limitações e potencializa os riscos de produção e nem sempre oferece certeza de lucratividade. Diz-se que está mais sujeito às vicissitudes climáticas e biológicas, como infestação de pragas e doenças. O imperativo no processo produtivo de um tempo de produção que é maior que o tempo de intervenção e de trabalho – após algumas operações há necessidade de um tempo para que as plantas e animais cresçam – o agronegócio, vis à vis outros setores apresenta limitações maiores. Comparativamente às atividades na indústria e nos serviços o agronegócio incorpora maiores riscos empresariais. Esta característica do agronegócio no seu elo da cadeia de produção vegetal e animal, torna o mesmo, em certos casos, menos atrativo para fluxos de capitais. Não é por outra razão que nos países industrializados esta etapa da cadeia é fortemente subsidiada pelo Estado e ocupada predominantemente por agricultores familiares, menos vulneráveis às oscilações de mercado.

A região amazônica é, por um lado, bastante heterogênea no que tange a biomas e a ecossistemas. Por outro, se constitui na maior área do planeta a abrigar florestas tropicais densas, responsáveis por contribuir para manter o equilíbrio climático do planeta, além de prover recursos hídricos para inúmeras bacias e aquíferos subterrâneos. Se a estas características agregamos a riqueza que em termos de diversidade biológica estas florestas contém e a implicação estratégica da mesma para a produção biotecnológica para os mais diversos fins, facilmente se conclui que em nenhuma hipótese a atividade agrícola pode vir a ameaçar o bioma de florestas densas. Esta conclusão impõe que, malgrado se considere que é fundamental garantir às populações da Amazônia oportunidades de emprego e renda e segurança alimentar, as atividades produtivas em geral e as ligadas ao agronegócio terão que ser compatíveis com a preservação da floresta densa das terras firmes, ou seja, aquelas que não são inundadas pelo ciclo hidrológico dos rios.

---

<sup>1</sup> Professor Titular da UFRB e da UFBA, [amilcar.baiardi@terra.com.br](mailto:amilcar.baiardi@terra.com.br) e [amilcarbairdi@uol.com.br](mailto:amilcarbairdi@uol.com.br)

Definido este marco de limitações ao agronegócio, vejamos então onde, em termos de território, e em que setores o mesmo deveria se organizar. A **primeira alternativa** seriam savanas naturais, as antrópicas e as terras já degradadas ou devastadas, salvo aquelas que possam vir a ser contempladas como reservas e para as quais haja planos de reflorestamento com essências florestais nativas. Estas áreas podem suportar atividades do agronegócio, de preferência com emprego de tecnologias limpas ou o mais biológicas possíveis, no que concerne à fertilização dos solos e controle de pragas e doenças. Na medida em que as mesmas possam se constituir em sistemas agroflorestais ou em capineiras, tanto melhor uma vez que estarão a exigir menor movimentação e exposição dos solos e estarão dando uma contribuição maior para a policultura.

A **segunda alternativa** seria a produção intensiva de lavouras de ciclo curto nas várzeas, cuja estimativa alcança a marca de oito milhões de hectares e que oferecem a possibilidade de produção de cereais e tubérculos, o que sinaliza para uma contribuição para segurança alimentar, na sua dimensão de oferta de alimentos. Este modelo tem uma variante que é a produção animal confinada. Os animais seriam alimentados por capineiras implantadas nas várzeas.

A **terceira alternativa** para o agronegócio seria o extrativismo seletivo, que supõe retiradas sustentáveis de madeira ou essências vegetais de alto valor agregado. Por meio do extrativismo seletivo é possível garantir renda e emprego sem comprometer a floresta densa. Este modelo supõe uma dotação de recursos naturais por população, bastante elevada, o que quer dizer que o mesmo não comporta metas ousadas de ocupação da população. Nesta alternativa deveria haver uma etapa de processamento industrial ou semi-industrial das essências para fins cosméticos ou medicinais, que constituir-se-ia um segmento da cadeia produtiva.

A **quarta alternativa** seriam os serviços florestais, que poderiam estar acoplados com atividades eco-turísticas que envolvessem os cursos d'água. Nesta alternativa a floresta permaneceria intocada e as atividades econômicas constituir-se-iam de oferecimento de serviços de desfrute e entretenimentos decorrentes de passeios orientados em trilhas, arborismo, pesca e caça controladas.

Como **quinta e última alternativa**, ter-se-ia a produção sustentável de oleaginosas e de fruteiras nativas em escala limitada e inserida em maciços florestais. Esta alternativa dar-se-ia com espécies de ciclo longo, o que garantiria a cobertura florestal permanente e o mínimo de exposição e movimentação do solo.

Este elenco de alternativas não esgota o espectro de possibilidade do agronegócio na Amazônia, mas define um padrão de limitação para o mesmo, qual seja o de considerar a floresta densa de terra firme como um santuário ecológico que deve, a qualquer custo, ser preservado. Concluindo, é possível afirmar que embora possível no ambiente amazônico, o agronegócio deve estar condicionado a normas de sustentabilidade dos biomas e ecossistemas regionais.